



Janeiro a Junho 2018

Nº 51 • 3ª SÉRIE

CAPA e BATINA

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ESTUDANTES DE COIMBRA EM LISBOA



48 ° DIA DO ANTIGO ESTUDANTE DE COIMBRA

NESTE NÚMERO

- 26º ANIVERSÁRIO DA AAECCL
- VISITA LOCAL / NÃO LOCAL
- ESPAÇO POESIA
- IN ILLO TEMPORE
- PASSEIO DA PRIMAVERA
- ESPAÇO ABERTO
- TERTÚLIAS ACADÉMICAS
- VIAGEM TRIESTE – ESLOVÉNIA E CROÁCIA
- ESPAÇO OPINIÃO



PÁG.

| | |
|----|---|
| 03 | EDITORIAL |
| 04 | EM DESTAQUE - 26º ANIVERSÁRIO DA ASSOCIAÇÃO |
| 07 | OS NOSSOS PASSEIOS CÁ DENTRO - Fim de Ano em Montargil - Passeio da Primavera |
| 10 | OS NOSSOS PASSEIOS LÁ FORA - Viagem a Trieste Eslovénia e Croácia |
| 13 | VISITA NÃO LOCAL |
| 14 | ESPAÇO POESIA |
| 15 | TERTÚLIAS ACADÉMICAS |
| 16 | VISITAS LOCAIS |
| 17 | ESPAÇO OPINIÃO |
| 18 | ESPAÇO ABERTO |
| 21 | IN ILLO TEMPORE |
| 22 | NOTÍCIAS BREVES |
| 23 | IN MEMORIAM |

Os textos publicados podem ter sido ajustados ao espaço disponível.
A versão integral pode ser consultada na Sede ou no sítio da Internet:
www.aaec-lisboa.com



Por Ana Goulão
Técnica Superior da Universidade de Coimbra

Respondendo a um convite da Direção da Associação de Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa, na pessoa da Senhora Dr^a Maria de Fátima Lencastre, é com muito gosto que aqui vos deixo umas breves palavras sobre os 5 anos volvidos sobre a inscrição da Universidade de Coimbra na lista de Património Mundial da Humanidade.

A Universidade de Coimbra viu premiado o seu esforço na preparação da candidatura, que envolveu especialistas de diversas áreas científicas, no dia 22 de junho de 2013, reconhecendo a Unesco o valor singular da história da UC nas vertentes materiais e imateriais da sua existência.

Os Antigos Estudantes, hoje, como outrora, espalhados por esse mundo fora, não poderão deixar de sentir orgulho nesta distinção, manifestando-se de diversas maneiras.

Ora apoiando financeiramente o restauro de alguns sítios do Paço das Escolas – como foi o caso da Torre – ora organizando e participando em ventos que levam o nome da Alma Mater mais além... Também podemos ver como estes nossos "embaixadores" participam na sociedade civil, através de diversas redes sociais, como é o caso do Linked'In...

A cada ano que passa, após a classificação, a Universidade convida a sua vasta comunidade alumni a participar no encontro que evoca esta efeméride, com o programa "Os sons da Cidade", que junta à volta do prémio, as entidades culturais da cidade, que, tendo como objectivo a divulgação da identidade da Universidade e da Cidade, promovem iniciativas que demonstram como este binómio se renova a cada ano, mantendo assim, uma corrente de 728 anos...

Durante estes 5 anos a Universidade promoveu alguns encontros evocativos deste momento que a todos pertence, convidando a vasta comunidade de antigos estudantes a regressarem a "casa".

Exemplo disto mesmo foi o Tributo a Luiz Goes, realizado na primavera de 2014, organizado em parceria pela UC e pela Associação de Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa, e que teve lugar no teatro Académico de Gil Vicente. Nesta ocasião estiveram presentes várias Associações de Antigos Estudantes de Coimbra.

Aproveitando a efeméride dos 725 anos da Universidade, mais uma vez a comunidade de antigos estudantes se reuniu num encontro a que chamámos "Tempo que não passa" e que se realizou nos dias 3, 4, e 5 de julho de 2015. Este evento teve um programa aliciante que se concretizou, no primeiro dia com jantar na Sala do Exame Privado, seguido de um espectáculo de videomapping que fez uma viagem pela já longa história da nossa *alma mater*. No dia seguinte debateu-se a UC e o seu papel no Mundo, tendo como convidado o antigo estudante Tiago Brandão Rodrigues. À noite houve jantar de gala no Palácio de S. Marcos. No domingo, dia 5 de julho, viveram-se momentos inesquecíveis juntando à volta de várias modalidades desportivas, os antigos estudantes atletas da AAC.

Como para a Universidade é muito importante ter sempre contacto com as Associações de Antigos Estudantes ao longo destes anos realizamos várias reuniões com as Associações permitindo desta forma estreitar os laços entre esta comunidade que faz a Universidade de Coimbra continuar a ser a instituição que é hoje.

XXVI

ANIVERSÁRIO DA ASSOCIAÇÃO



Nesta celebração, perpassava pelos 140 presentes a satisfação de um ano após as Bodas de Prata – terem mantido a mesma vivência associativa, com idêntico espírito de solidariedade e abertura à comunidade envolvente e reforçado o propósito de cultivar a interacção dos menos jovens com os mais jovens a perpetuar essa vivência. Tudo isto alicerçado no sentimento de honra e respeito pelos históricos obreiros deste movimento associativo. Com tal enquadramento, o Sarau que se seguiu ao habitual repasto integrou:

- a primorosa actuação do **Grupo Coral Ad-Hoc**, que caprichou na qualidade e variedade do seu repertório, bem aplaudido;



- o buliçoso irromper da nossa Estudantina "Os Madre Christo", que a todos contagiou de alegria e irreverência académica;

- a formalização do **Protocolo de Colaboração com o Círculo Cultural do Supremo Tribunal de Justiça**, nos seguintes termos:

PROTOCOLO DE COLABORAÇÃO

Entre,
O Círculo Cultural do Supremo Tribunal de Justiça, associação particular



sem fins lucrativos, com sede no Supremo Tribunal de Justiça, Praça do Comércio, Lisboa, adiante designado CCSTJ, representado pelo Vice-Presidente da Direcção, João Carlos de Barros Caldeira; e a Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa, com sede na Rua António Pereira Carrilho, nº 5 - 1º andar, Lisboa, adiante designada AAACL, representada pela sua Presidente Maria de Fátima Lencastre.

CONSIDERANDO QUE O CCSTJ E A AAACL:

- 1 - *Prosseguem idênticos objectivos estatutários de natureza cultural;*
- 2 - *Encontram pontos de interesse comum que podem ser prosseguidos em conjunto;*
- 3 - *São compostas por associados que partilham interesses comuns;*

É assinado o presente Protocolo de Colaboração de acordo com as bases seguintes:

BASE I

As duas Associações, CCSTJ e AAACL, propõem-se desenvolver formas de cooperação mútua, designadamente de âmbito cultural, através de programas ou eventos destinados aos associados.

BASE IV

Durante a vigência do protocolo poderão ser introduzidas alterações, as quais, efetuadas mediante expresse acordo mútuo e após formalização, passarão a ser parte integrante do presente protocolo por "adenda".

BASE II

A cooperação mútua compreende a organização de eventos, confraternizações e ações de solidariedade numa base de reciprocidade, que serão objeto de análise específica.

BASE V

As partes estabelecem que cada projeto/ação específica a desenvolver será definido e detalhado, no que respeita aos objetivos, encargos, mecanismos e prazos, através de documentos complementares que farão parte deste protocolo sob a forma de anexos.

BASE III

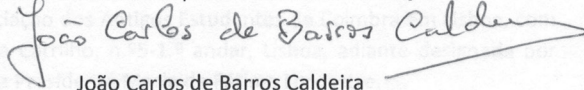
O presente protocolo terá a duração de cinco anos, podendo ser renovado, se não for por qualquer das partes denunciado com a antecedência de trinta dias. Poderá ainda ser revogado em qualquer momento, mediante expresse acordo mútuo ou por qualquer das partes, mediante pré-aviso de trinta dias.

BASE VI

As dúvidas suscitadas pela aplicação das regras do protocolo serão esclarecidas e interpretadas de comum acordo, dentro do princípio geral da interpretação mais favorável à prossecução das finalidades expressas.

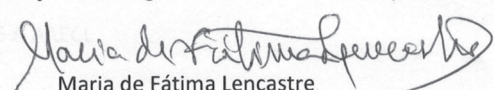
Em Lisboa a 17 de Março de 2018,

Pelo Círculo Cultural do Supremo Tribunal de Justiça



João Carlos de Barros Caldeira

Pela Associação de Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa



Maria de Fátima Lencastre

- o momento alto de **Evocação** a cargo da presidente da Associação, que começou por realçar que o chamamento à memória daqueles que engradeceram qualquer agremiação, enquanto no activo, enforma o menor dos tributos que merecem receber, mesmo postumamente; neste caso, os "Coimbrões" ou "Coimbrinhas" que,

em Maio de 1960, lançaram o gérmen de uma Delegação em Lisboa da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra sedeadada em Coimbra (a Associação Mãe).

Chamando primeiro à memória a figura preponderante de Mário Leónidas, na altura Presidente das Comissões Organizativas - que saudou na pessoa da

sua Viúva, a Manuela Leónidas, chegou à Evocação de **Carlos Alberto Ferreira Rocha** (falecido em Janeiro) sócio fundador desta Associação, exaltando toda a sua oferta em fervor académico, em genuíno afecto sem distinção e o seu pendor poético que lhe inspirou um poema inédito e tocante no próprio momento da constituição da AAACL:

“ACTA”

Aos três de noventa e dois, e dia seis,
num pergaminho eivado de ternura,
conformou-se o sentimento com as leis,
Exarou-se coração em escritura.

Não se cavou no sentir autonomia,
Não brotará nova seiva da semente;
Há-de suar da velha cabra, dia a dia:
Associação em Lisboa... Presente!

Foi afinal nosso acto de saudade:
Cabelos brancos, esquecidos da idade,
Neve caída sobre capa de estudante...

São lágrimas, abraços, são guitarradas,
São filhos de Coimbra que, mãos dadas,
Erguem à Mãe a mesma taça de espumante!

(lido por Maria Alice Gouveia)

Em unísono, os presentes agradeceram à sua Viúva, Teresa Leónidas, por ter estado a seu lado, pedindo-lhe ajuda para merecermos sempre tal herança; e aos seus Filhos, que atestaram o sentimento coimbrão que o Pai lhes transmitiu nesta carta dirigida à Direcção:

"Roga-me minha mãe, que, em seu nome pessoal, a que nos queremos associar todos nós, filhos e netos do vosso associado Carlos Alberto Ferreira Rocha, publicamente agradeça o gesto generoso, que muito nos honrou, de terem distinguido, no velório e missa de corpo presente, este

vosso associado, tão querido de todos nós, com a deposição do símbolo maior da Associação: a sua bandeira. O meu pai, assim como minha mãe, sempre foram fervorosos amantes da cidade em que cresceram e de uma academia em cujo abraço decidiram viver envolvidos. De tal forma o foram, que os filhos, desde cedo aprenderam a amar Coimbra. Eu próprio, tendo-me licenciado em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade Católica de Lisboa, participei, durante os meus anos de estudante universitário, em cinco queimas das fitas de Coimbra. Uma conhecida marca de motos tem um slogan

que diz: "se eu tiver de explicar, não compreenderias." Creio que o mesmo se aplica a Coimbra. Coimbra vive-se e o seu amor transmite-se apenas pelo exemplo de vivência daqueles que a bela cidade cativou. Com tudo isto, quero dizer que Coimbra viveu no meu pai e morre um pouco com o seu desaparecimento. Assim, não poderia haver melhor homenagem que ter um pouco de Coimbra pendendo sobre o seu colo na sua viagem final. Por isso, que é tanto, MUITO OBRIGADO!"

e quiseram perpetuar tal génio poético oferecendo os poemas:

BALADA DA DESPEDIDA

*Não te volto a ver, Coimbra amada...
Sofro agora a minha triste sina.
E a saudade de ti, desamparada,
Não volta a trajar capa e batina.*

*Mas, nesta hora final, aqui te rogo,
Não me negues, de ti, o que me amarra.
Que a morte venha, tarde ou logo,
Mas envolva em trinados de guitarra.*

*Pois se desde caloiro te amei
E de teu encanto sigo enfeitado,
Que decreta a faculdade nova lei,
Possas ser também eu Alma do seu Fado.*

(lido por Catarina Rodrigues)



Quando o amanhã acordar, estarei aqui
Onde agora me vês e me conheces
Cheio de quanto ensinaste e aprendi
Vazio de esperança nestas preces

Terei feito o balanço de uma vida
Aquele que, sendo tua, foi tão minha
Sem entender, porque a tua partida
Tem de também levar o Pai que eu tinha

Nos beijos que te dou nessa cama
Sem magia, branca e fria, de hospital
Vejo apagar-se em ti aquela chama
Que um dia me prometeste imortal

Quando o amanhã acordar, serei forte
Fará sentido tudo aquilo que vivi
Reconhecerei, também eu, a minha morte
Quando o amanhã acordar, sem ti

1 de janeiro de 2018

Miguel Leónidas Rocha

Como sempre, a bem vinda "Serenata de Coimbra" a coroar este convívio pleno, pelos Grupos "Serenata ao Luar" e "Porta Férrea".

A VOZ DA FILANTRÓPICA

Permanecem gratificantes as oportunidades de convívio, de troca de felicitações e votos de Feliz Ano Novo que a Filantrópica proporciona aos seus Associados: O Jantar dos Reis e o habitual Chá da Primavera continuam a ser enriquecidos com poemas ditos pela Catarina Rodrigues e pela Maria Alice Gouveia.

Também acompanhamos os nossos Associados da forma possível nos momentos difíceis, disponibilizando-lhes a necessária ajuda.

Registámos com o agrado de sempre a gratidão dos aniversariantes pelas palavras personalizadas do Arménio Hall com o seu consagrado sentido humanista.



OS NOSSOS PASSEIOS

CÁ DENTRO

FIM-DO-ANO EM MONTARGIL

DE 30 DE DEZEMBRO 2017 A 1 DE JANEIRO DE 2018



1º Dia – LISBOA / SALVATERRA DE MAGOS / CORUCHE / MONTARGIL

Partimos com destino a Salvaterra de Magos; aqui visitámos a **Falcoaria Real**, Património Cultural Imaterial da Humanidade, cujo edifício data do século XVIII, com arquitectura pombalina que contou com orientações do arquitecto Carlos Mardel e apresenta influências das falcoarias holandesas de Setecentos, constituindo um exemplar único na Península Ibérica.



A caça foi desde sempre um dos passatempos predilectos da Família Real Portuguesa, facto que se reflecte no seu calendário cinegético que tinha uma duração aproximada de 8 a 9 meses por ano.

A saída da Família Real para o Brasil, devido às invasões francesas, foi considerada como ponto de partida para a sua degradação e decadência; com a República, grande parte dos bens da Coroa foram vendidos em hasta pública, fazendo com que a Falcoaria perdesse as suas funções de origem.

A seguir a esta visita, continuamos a viagem para Escaroupim, onde visitámos o **Museu “Escaroupim e o Rio”**. Este novo museu constrói um percurso expositivo que dá a conhecer a importância do rio Tejo e dos seus afluentes,

enquanto elemento de fixação humana e evidencia as actividades socioeconómicas que durante séculos foram exploradas e rentabilizadas pelas comunidades locais, pretendendo ser um contributo à memória das comunidades ribeirinhas do Tejo, um lugar de afectos, um local de encontro e preservação de tradições e memórias.



Almoço no Restaurante Coruja Chef. Seguiu-se a visita ao Museu Municipal de Coruche; as colecções do Museu são constituídas essencialmente por espólio arqueológico e etnográfico, que, dada a vocação do Museu e tendo em consideração a Política de Incorporações, contribuem para um melhor conhecimento, salvaguarda da identidade e singularidade cultural e patrimonial do concelho. Chegada ao Lago Montargil & Villas (5*****). Check-in e tempo livre. Jantar no Hotel e alojamento.

2º Dia – MONTARGIL / CRATO / MONTARGIL

Após o pequeno almoço, partimos para o **Crato** para uma única e memorável visita ao **Mosteiro de Santa Maria de Flor da Rosa**.

Este mosteiro hospitalário é um dos

mais importantes monumentos góticos nacionais e foi já considerado a "mais importante igreja-fortaleza portuguesa", tipologia assim designada para catalogar os templos trecentistas constituídos por "torres cruciformes".

Não é só ao nível das características planimétricas e volumétricas que Flor da Rosa é importante; ele possui uma imensa carga simbólica, na medida em que foi concebido como igreja, mosteiro e paço, sede da Ordem do Hospital no nosso país, no seu percurso em direcção ao Sul.

Tivemos a oportunidade de apreciar uma exposição temporária (privada) de 34 imagens da Virgem dos séc. XVI e XVII e de admirar um Cristo crucificado de enormes dimensões com uma curiosidade única: os seus olhos, abertíssimos, seguem-nos em todas as direcções.

Almoço na **Pousada do Mosteiro do**

Crato e regresso ao Hotel em Montargil. Tempo livre para explorar o Hotel, constituído por um complexo de edifícios luxuosos (ligados com corredores e elevadores infindáveis) e apreciar panorâmicas variadas, com realce para extensos viveiros de palmeiras de todos os tamanhos e espécies.

O jantar, a festa Réveillon com música ao vivo, o brinde ao Ano Novo 2018 e a ceia foram de excelente qualidade com animação contagiante.

3º Dia – MONTARGIL / LISBOA

Após o pequeno almoço e o Brunch de Ano Novo, regressámos a Lisboa com vontade plena de continuar em 2018 o convívio, espalhando o espírito de solidariedade que uniu estes 50 participantes durante um passeio que ficará na memória de todos.

PASSEIO DA PRIMAVERA

– DIA DO ANTIGO ESTUDANTE DE COIMBRA

– TOMADA DA BASTILHA II

13 DE ABRIL A 15 DE ABRIL DE 2018

Por Maria Guerra Prazeres

Este ano o Passeio da Primavera englobou o dia do antigo estudante de Coimbra – Tomada da Bastilha II, organizado pela Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra (AAEC). Das traseiras da Reitoria da Cidade Universitária saíram pelas 10h 15min 28 colegas e aderentes, em autocarro em direcção a Coimbra, a que se juntaram dois em Vila Franca de Xira, totalizando 30. Durante o percurso a Alexandra, guia da TransSerrano, ao avistar a serra de Montejunto informou de que nela se encontra um convento dos dominicanos, em ruínas, e que

também aí se situava a Real Fábrica do Gelo, encerrada em 1885.

Parámos para visitar o *Bacalhoa Budha Eden*, situado entre os concelhos do Cadaval e do Bombarral. O Budha Eden, de 35 hectares é o maior jardim oriental da Europa. Surgiu como consequência da destruição das monumentais esculturas do Afeganistão pelos talibãs em 2001. Em comboio turístico pudemos apreciar imensas esculturas de Budas, lagos, o jardim das palmeiras com esculturas do povo do Zimbabué, a que também não faltaram os guerreiros de Xian, mas pintados de azul.

Almoçámos no restaurante "A Mãe de Água", no *Carvalhal*, povoação do concelho do Bombarral, local onde se desenrolaram as filmagens da maior parte de série da RTP "Bem-vindos a Beirais". Findo o almoço seguimos até *Coimbra*, ficando alojados no Hotel Dona Inês, onde jantámos.

No dia seguinte, dia totalmente dedicado ao antigo estudante de Coimbra, dirigimo-nos à Alta, onde algumas fitas de antigos estudantes ombrearam com os trajés dos estudantes que nos abordaram a fim de comprarmos umas "lembranças" destinadas a angariar



algum pecúlio para a Queima das Fitas. Atravessando a Porta Férrea chegámos à Capela da Universidade (Capela de S. Miguel), onde se celebrou a Missa, brilhantemente acompanhada pelo seu coro.

Seguiram-se os cumprimentos ao Magnífico Reitor, tendo este discursado, bem como o Presidente da AAEC.

Na escadaria procedeu-se à fotografia da praxe.

Por fim houve o almoço no Palácio de S. Marcos, em alegre e agradável convívio.

À noite, no *Teatro Académico Gil Vicente*, iniciou-se o espectáculo com a apresentação do Polybio Serra e Helder Rodrigues, tendo nele participado o Coro

dos Antigos Orfeonistas da Universidade, o Orfeon Académico, a Associação dos Antigos Tunos, quer com a sua orquestra principal, quer com a orquestra de tangos. Os momentos de magia pelo Jorge Condorcet e o seu ajudante feiticeiro Polybio Serra foram hilariantes!...

Com a hora já bem adiantada, este belo espectáculo não podia terminar sem a *Serenata de Coimbra*, em que Fernando Rolim não se esquivou....

No último dia rumámos à *Mealhada* para o almoço a fim de os apreciadores de leitão se deliciarem...

Regressando a Lisboa ainda parámos em Leiria, cidade com 55 000 habitantes, a quem D. Afonso Henriques concedeu o

foral em 1142, renovado por D. Manuel I em 1510. Aqui visitámos o *Museu Moinho do Papel*, instalado pelo rei D. João II em 1411, um dos primeiros na Península Ibérica na altura em que a indústria da moagem era importante para o desenvolvimento económico do país.

As estruturas dos antigos rodízios e as grandes azenhas, movidos pela energia das águas do rio Lis originavam a moagem dos cereais, produziam papel (à base de trapos) e azeite.

Chegámos a Lisboa, ao local de paragem habitual, antes das 18h, certamente com a vontade de viajar pelo nosso país, mas é só esperar pelo Passeio do Outono!...

LÁ FORA

VIAGEM A TRIESTE ESLOVÉNIA E CROÁCIA

Por José Veloso



Já passava das nove e meia da manhã do dia 7 de Junho, quando o Airbus da TAP se fez à pista da Portela, rumo ao aeroporto de Veneza. Éramos trinta e um, capitaneados pela liderança calma da Maria Claudina e sempre apoiados, quer pelo incansável Pedro Baptista, representante da agência de viagens Tryvel, quer pela guia croata Marina, que falava bem castelhano.

Uma vez em terra, ultrapassado que foi o primeiro contratempo (para desespero da sua dona, uma mala resolveu fazer a excursão correndo em pista separada...), esperava-nos uma paragem em Aquileia, antiga cidade romana situada no ponto mais a norte do Mar Adriático, a nona cidade mais importante de todo o Império Romano.

Da visita a Aquileia, ficou na memória de

todos a Basílica de origem romana (313 d.C.), onde foi um regalo admirar os mosaicos que revestem o pavimento, quer da igreja quer de outros espaços anexos. São mosaicos lindíssimos, que estiveram durante séculos soterrados debaixo de um pavimento medieval, alguns deles representando cenas bíblicas. Não fosse a Basílica ter horas de fecho, ainda alguns de nós por lá se teriam quedado e não mais chegaríamos a Trieste nessa noite, até porque, antes de partir de Aquileia, ainda queríamos dar uma saltada ao Fórum Romano, monumento de que pouco resta, mas cujas dimensões atestam bem o papel que a cidade desempenhou no seu tempo.

A chegada a Trieste fez-se já ao lusco-fusco. Começa-se a ver a cidade ao longe, do alto da escarpa, enquanto o autocarro

vai serpenteando encosta abaixo; à nossa esquerda, uma verdura luxuriante, à direita o mar e o céu, que se confundem na linha do horizonte. É uma cidade à beira de água, como a nossa Lisboa, com uma praça lindíssima – *Piazza Unità d'Italia* – aberta a um mar sem ondas, tal como o Terreiro do Paço se abre ao Tejo. Os que se aventuraram a sair do hotel depois do jantar (nem todos o fizeram, já que o tempo não convidava) dizem que à noite a praça é inesquecível, pela atmosfera de mistério e encantamento que a iluminação e o reflexo das águas lhe conferem.

Mas a tempestade nocturna passou. E a manhã seguinte já convidava para um passeio a pé pela baixa da cidade, passeio que fizemos guiados pela Daniela, uma guia local que tinha apren-

dido português a ver telenovelas brasileiras. Partindo da *Piazza Unità d'Italia*, seguimos pelas ruas de uma cidade portuária que teve o seu pico de importância ao tempo do Império Austro-Húngaro, importância que é bem patente no carácter dos edifícios da parte mais antiga do burgo. Passámos pelo Teatro Romano – que, no dizer da Daniela, Mussolini afanosamente escavou para encontrar justificação moral para a anexação do Trieste pela Itália –, pelo Canal Grande – reminiscência dos tempos em que os navios veleiros de mercadorias entravam pela cidade adentro e aí acostavam – e acabámos a tomar um café e comer um bolinho num dos cafés mais antigos da cidade, o *Caffè San Marco*.

Para terminar a manhã, retomámos o autocarro e fomos visitar a Catedral e o Castelo de *San Giusto*, numa zona elevada. A catedral foi construída entre os séculos IX e XIV; tem uma curiosa fachada, com uma grande rosácea, onde sobressaem intervenções de diversas épocas, e o interior tem belíssimos mosaicos do séc. XII, os mais bonitos a revestir as paredes e criptas dos altares. Quanto ao castelo, o percurso pedestre pelas muralhas permite abarcar a pequena língua de terreno que constitui o Triste (entaldada entre a Eslovénia e o Mar Adriático), e localizar os pontos de interesse turístico da cidade, incluindo algumas bizarras supostamente fora de moda, como seja uma praia com separação total de sexos, onde as mulheres vão para a direita e os homens para a esquerda, existindo uma rede separadora que entra pelo mar dentro! Da parte da tarde fizemos o percurso para Ljubljana, capital da Eslovénia, onde haveríamos de passar quatro noites. Pelo caminho visitámos a Coudelaria e Escola de Equitação de Lipica, com uma história de quatro séculos, responsável pela criação dos cavalos da raça *Lipizzaner*, um dos *ex-libris* da Eslovénia, onde observámos éguas com crias, visitámos as boxes dos garanhões e assistimos a um espectáculo equestre.

O dia 9 anunciava-se quente e húmido. Estando prevista uma visita a pé

pela cidade, a resistência do grupo iria ser posta à prova.

Começamos a volta pelo mercado, onde a nossa preferência foi para os chapéus. Pudera... o sol já apertava... e de que maneira. Seguiu-se a subida ao Castelo, levados por um funicular, mas, uma vez lá dentro, ainda foram muitos os que se aventuraram a subir ao alto da torre para ter uma vista de 360 graus sobre toda a região. A partir daí, tendo feito apenas um intervalo para almoço – um farto almoço, diga-se de passagem, que bem precisados estávamos dele! – fomos queimar as energias ao encontro das maravilhas da cidade, fugindo ao sol nesta praça, abrigando-nos à sombra naquela esquina, bendizendo o fresquinho da Catedral de S. Nicolau e do Parque do Congresso, sentando o fundo das costas em qualquer banco que surgisse... enquanto a nossa guia eslovena, a Aida, debitava alegremente em castelhano o seu saber e, quiçá, também ela baralhada pelo calor, trocava a *Fontana di Trevi* com a *Fontana dei Quattro Fiumi*, a propósito da Fonte de Robba, que àquela última foi buscar inspiração.

Mas Ljubljana merece mesmo ser vista e valeu o sacrifício. É uma cidade limpa, alegre e jovial. Dentro do centro histórico – que abrange uma área apreciável – não circulam veículos de transporte. O silêncio de fundo permite que se ouçam os pássaros e os risos. Há muita gente de bicicleta, mulheres e crianças de trotinete. E não me pareceu que o comércio se queixasse de falta de clientes por não haver carros que lhos levassem até à porta, receio muito comum entre os comerciantes deste nosso Portugal. No final da tarde, houve quem fosse às compras, quem desse uma volta num comboiozinho eléctrico e quem ficasse à conversa numa esplanada à beira do canal.

Ao quarto dia esperavam-nos 166 km de passeio entre aldeias, lagos e castelos. Era tempo de admirar a paisagem eslovena, com 60% da sua área coberta por florestas onde abundam as tilias (a árvore nacional), aqui e além entrecortadas por leiras de terreno cultiva-

do, de diferentes tons de verde, a lembrar alguns quadros de Van Gogh. Nos lagos que visitámos não há motos de água nem barcos a motor de explosão; o silêncio é de ouro... e a limpidez das águas também. Por ser domingo, cruzávamo-nos amiúde com ciclistas desportivos; e nas margens dos lagos as famílias faziam piqueniques. Também por ser domingo, deu para ver que a religião maioritária na Eslovénia é a Católica Romana, como percebemos quando, à hora da missa, entrámos discretamente na igreja da pequena localidade de Radovjica.

Foi nesta localidade que visitámos algo que raramente se encontrará noutros países: um museu de Apicultura! Entre outras curiosidades, recordo que a Eslovénia exporta enxames de abelhas para dezenas de países (Japão incluído), como simples encomenda postal, em pequenas caixas de madeira com um respiradouro, e que as colmeias antigas tinham o frontispício pintado à mão, cada uma com seu motivo, normalmente de cariz religioso, como forma de chamar para a colmeia a protecção divina.

Parámos na estância alpina de Bled, à beira do lago Bled, enfiámo-nos em dois esguios barcos a remos e fomos à conquista de uma ilhota minúscula que tem, lá bem no alto, num local adequado para quem subiu aos céus, a igreja de N.ª S.ª da Assunção. Para irmos ver a pequenina igreja e as vistas largas (quase todos fomos) só subiu quem quis, que a escadaria era medonha e o sol já tinha dentes. Quem não teve escolha foi uma noiva que, às tantas, apareceu ao cimo das escadas; de saltos altos e vestido branco de rabona... vinha para casar! Ai, amor, a quanto obrigas!... Muito sofre quem eleva o casamento a tais alturas!... Ainda hoje penso que lhe ficámos a dever um F-R-A, falha só desculpável porque já começávamos a desfalecer com mais um dia de calor e elevada humidade.

Mas em breve os guerreiros voltariam à margem do lago e partiriam à conquista do Castelo medieval de Bled, situado no cimo dum penhasco quase inexpugnável. Lá os esperava a recompensa maior do dia: a soberba vista (caso não chovesse)...

e o almoço (que a fome era já negra)! O autocarro estaciona no sopé do rochedo e o exército desembarca a medo: – "O quê, é aquilo?" – "Lá em cima?" – "Vamos devagar, que havemos de lá chegar..." – "Vai uma mãozinha?" – "Dê cá o braço." – "Eh pá, isto agora aperta!" – "Já vamos a meio?" – "Calma... ninguém se aleija." – "O pior já passou." – "As casas de banho são já ali!" – "Ah, castelo dum caneco, que aquele *outeiro é melhor de descer que de subir!*" Mas não há castelo que resista ao assalto, quando *a união faz a força*.

E o descanso dos guerreiros (já de papo e olhos cheios) viria durante a tarde, quando o autocarro nos levou ao longo do vale entre os lagos glaciares Bled e Bohinj, quando passeámos de barco (a motor eléctrico) pelo lago Bohinj e, para os mais acalorados, quando, na margem deste último lago, nos sentámos ao fresco no interior da Igreja gótica de S. João Baptista, para apreciar os seus frescos dos sécs. XV e XVI.

No dia 11 o circuito seria apenas de 113 km, mas subiríamos mais alto, ao planalto cársico onde se situam as Grutas de Postojna. A paisagem de tílias dava lugar às resinosas e, devido à altitude, a temperatura era amena.

Não muito longe das grutas, começámos por visitar o Castelo de Predjama, uma construção curiosíssima, encastrada na rocha alcantilada, tendo por detrás uma gruta que constituía uma segunda defesa e um túnel que comunica com a superfície. O castelo, que foi habitado até à II Guerra Mundial, está impecavelmente recuperado e a visita ao seu interior transporta-nos com gosto à época medieval. Quanto às Grutas de Postojna, as palavras serão sempre curtas para descrever as formas estupendas que a natureza cria, formas que as fotos reproduzem, mas que apenas são "absorvidas" na sua plenitude por quem tem a oportunidade de as ver de perto. A entrada nas grutas é atribulada, perigosa de mais para o meu gosto – o mini-comboio eléctrico arranca inda mal as pessoas se sentaram e já as primeiras estalactites nos ameaçam a cabeça –, mas, vencidos que são os 2 km que nos levam à zona destinada

ao circuito a pé, temos todo o tempo do mundo. E então, sala a sala, galeria a galeria, desfiladeiro a desfiladeiro, os olhos vão-se abrindo de espanto e a alma de encantamento. E, no final, ninguém dá por mal empregue o esforço que teve de fazer para subir aquele troço de caminho de onde se avistava a ponte que os prisioneiros russos construíram.

Com o moral em alta, o regresso a Ljubljana voltou a ser de risota, para não fugir à regra. Muita anedota se contava naquela camioneta! Pareciam putos do liceu em excursão de finalistas! A Milu Pombo era a mais histriónica e ainda tinha tempo para dar noticiários com as últimas de Portugal! E depois de mais um fim de tarde livre, terminámos com o jantar de folclore da praxe, que meteu jogos com trocas de chapéus e cadeiras, com os quais nos divertimos um bocado.

Ao sexto dia deixámos Ljubljana, rumo a Zagreb, tendo previsto duas paragens pelo caminho, a crescer à paragem na fronteira, já que a Croácia não pertence ao espaço Schengen.

Em Novo Mesto, debaixo de um sol mauzinho, subimos até à Catedral de S. Nicolau, uma combinação de arquitectura gótica e barroca – curiosamente, com o eixo longitudinal quebrado –, que tem no interior *A Visão de S. Nicolau de Tintoretto*. Seguimos daí até ao centro da cidade, cuja visita foi prejudicada por toda a praça central se encontrar em obras. Mas, como compensação, tivemos, num restaurante à saída da terra, um verdadeiro almoço *gourmet*, o melhor que comemos em toda a viagem.

Em Brezice, última escala do nosso périplo esloveno, saiu-nos em sorte mais um castelo. Mas, sorte a nossa, para este não havia que subir, pois que o Castelo de Brezice – que é um palácio acastelado de planta rectangular com dois andares e um pátio central – fica à beira da estrada. Do seu interior destaco a Sala dos Cavaleiros – um enorme salão nobre decorado com magníficos frescos barrocos –, o museu etnográfico (bastante interessante) e o museu da II Grande Guerra, museu este que a nossa guia local, apesar de andar apenas pelos 30 anos, descrevia com a emoção de quem estava a reviver acontecimentos muito próximos, ao falar da resistência dos partisanos eslovenos contra a ocupação nazi.

O dia 13 acordou chuvoso e com uma temperatura mais amena, condições que se mantiveram até ao final da viagem. Era o dia destinado a darmos uma volta pela cidade de Zagreb, capital da Croácia, uma cidade muito diferente de Ljubljana. Mais geométrica, os seus edifícios monumentais fazem lembrar Budapeste. Aliás, tendo tanto a Eslovénia como a Croácia pertencido ao Império Austro-Húngaro, a Eslovénia tem mais a ver com a Áustria enquanto a Croácia se liga mais à Hungria.

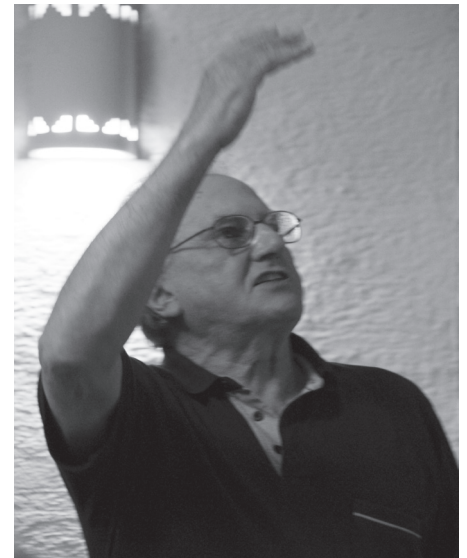
Orientados pela Marina – que era agora a única guia com que contávamos – começámos por percorrer de autocarro uma parte da chamada "ferradura", a zona mais institucional da cidade, seguindo daí para o imponente Cemitério de Mirogoj, considerado um dos mais belos da Europa. Iniciámos depois um percurso



a pé pela velha alta de Zagreb: subimos até atravessar a "Porta de Pedra" – a única porta preservada da cidade medieval, onde existe um local de peregrinação a Nossa Senhora – e, um pouco mais acima, até à Igreja de S. Marcos, cujo telhado ostenta os brasões de Zagreb e do Reino da Croácia. A partir daí descemos até à Torre de Lotrascak e, ao meio-dia, fizemos questão de ouvir troar o canhão da torre, que até há pouco servia de padrão para acerto dos relógios. Vista a parte alta, aguardava-nos na baixa uma visita ao interior da Catedral da Assunção de Maria e muito tempo livre para cada um fazer o que mais lhe interessasse e terminar a sua lista de compras, pois que só teríamos mais um dia em solo croata. Ao almoço houve bolo de anos pelo aniversário da Cláudia Veloso, sendo os parabéns cantados quer em português quer na língua do sol nascente (foi uma alegria quando "o bolo chegou ao Japão!"). Já com o grupo japonês fora da sala, o autor destas linhas leu uma adaptação da **Nau Catrineta (1)** à nossa viagem (*vide poema a seguir*), na qual se glosa-

vam algumas peripécias do percurso e se anteviam complicações para o último dia... Deu em gargalhada geral!

No dia 14 visitámos o Parque Natural de Plitvice, a 130 km de Zagreb. A chuva que caiu continuamente durante quase todo o dia não facilitou a vida a quem ia decidido a não perder a oportunidade de fazer um percurso de várias horas por entre cascatas e lagos verdejantes, atravessando cursos de água que surgem de onde menos se espera e que correm, límpidos, debaixo dos passadiços de madeira sobre os quais nos deslocamos. A diversidade de cenários é enorme e as cascatas desenham caminhos surpreendentes, com a água a atravessar as barreiras de calcário poroso, cobertas de vegetação. Cerca de metade do grupo fez apenas meio percurso, preferindo, por cansaço ou precaução, não seguir para a chamada zona dos lagos altos; mas quem arriscou esta última etapa não se arrependeu, apesar de ter almoçado apenas pelas 4 da tarde. E se é verdade que a chuva trouxe algumas dificuldades acrescidas ao percurso, não é menos certo que ela



permitiu que a temperatura se mantivesse amena e que o parque se revelasse numa outra ambiência, igualmente interessante. À noite tivemos o jantar de despedida num restaurante de Zagreb e **no dia 15 rumámos a Lisboa pelas oito horas da manhã.**

Vínhamos cansados? Claro que sim... Vínhamos da festa!

(1) Vêr OS NOSSOS POETAS (em viagem) – Pág 14

VISITA NÃO LOCAL

No 1º semestre de 2018 realizaram-se 1 visita:

- No dia 5 de Maio – MUSEU DA MÚSICA MECÂNICA DE PORTUGAL EM PINHAL NOVO

No dia 05 de Maio passado, um simpático grupo de sócios, uns mais novos e outros menos novos, desfrutou de um passeio que, que pelas reacções dos mesmos, foi do agrado geral.

Começámos a meio da manhã pelo extraordinário **MUSEU DE MÚSICA MECÂNICA**, no Pinhal Novo.

Trata-se de uma colecção particular, do coleccionador Luis Canguieiro, constituída por mais de 600 peças, que se movimentam por sistemas exclusivamente mecânicos, e que datam desde o final do séc. XVIII até à 1ª metade do séc. XX, todas em estado de funcionamento, desde as mais antigas caixas de música de cilindro de madeira ou de metal às mais recentes e populares grafonolas. De seguida, deliciámo-nos com o almoço no **Restaurante D. Isilda**, na Serra de Palmela, onde a qualidade, quantidade e prestável serviço preponderaram.

Seguidamente, realizámos uma breve visita ao **Castelo de Palmela**, de onde partimos para uma prova de **Moscotel na Quinta do Piloto**. Em ambos os locais fomos acompanhados por simpáticos guias que, muito solícitos, respondiam a todas as questões colocadas, satisfazendo a curiosidade interessada dos sócios.

Neste agradável passeio foi notória a satisfação e interacção entre os sócios de várias gerações que partilharam agradáveis momentos de convívio cultural e gastronómico.

Por Maria José Bernardino

OS NOSSOS POETAS

A NAU CATRINETA ENTRE O TRISTE, A ESTÓNIA E A CROÁCIA

Lá vem a Nau Catrineta
Que tem muito que contar!
Ouvide agora, senhores,
Uma história de pasmar.

Passavam já sete dias
Que andavam a passear,
Já não tinham mais castillos,
Iglesias pra visitar.

Já estava tudo estafado
Do barroco (e do empedrado),
Do gótico e do romano...
E um calor do catano!

Apareceram miragens,
Tudo parecia trocado;
Mesmo a Fontana di Trevi
Também se tinha passado!

Enfiaram-se num lago
«Sem luzes no céu nem bom Deus»,
Tal como o Lago do Breu,
«Para abrasar os ateus».

Deitaram sortes à ventura
Para um rumo se encontrar;
A sorte deu na Claudina,
A capitã general

– “Sobe, sobe, marujinho,
Àquele mastro real,
Vê se vês terras de Espanha,
As praias de Portugal!”

– “Não vejo terras de Espanha,
Nem praias de Portugal;
Vejo o Bruno de Carvalho
Que te quer fazer mal.”

– “Acima, acima, gajeiro
Acima ao tope real!
Olha se enxergas Espanha,
Areias de Portugal!”

– “Alvíssaras, capitã,
Minha capitã general!
Já vejo terras de Espanha,
Areias de Portugal!
E a Fátima Lencastre

A montar o arraial
E ao lado o senhor Campos
Que vai dando o numeral;
E até já vejo o Chichorro
Da Assembleia Geral.”

– “Todos eles são meus amigos
Oh, quem mos dera abraçar!
Marujinho, meu gajeiro,
Alvíssaras te irei dar.
Dou-te mosaicos romanos
Daqueles que vi no chão
Com peixinhos e burrinhos
E o nó de Salomão.”

– “Não quero vossos mosaicos
Com o nó de Salomão,
Nem com o Jonas engolido
A sair feito pimpão.”

– “Dou-te uma praia sem homens,
Onde possas descansar.”

– “Essa praia não me encanta.
E os homens não me afrontam
Quando quero ver o mar.”

– “Dar-te-ei uma égua prena
Prontinha para parir.”

– “Não me interessa vossa égua,
Que os potros nascem de noite
E eu gosto de dormir.

– “Dou-te um enxame de abelhas
De abelhas de exportar.”

– “Não quero as tuas abelhas
Que inda me podem picar.”

– Dou-te o castelo de Bled,
Com uma vista de espantar.”

– “Ficai com esse castelo
Que eu não me quero estafar.
Inda agora lá passaram
Uns de Coimbra... a arfar...
Parecia a Volta à França,
Com o pelotão a esticar!”

– “Dou-te umas grutas imensas,
Com comboios a rolar.”

– “Não gosto das tuas grutas,
Que me podem congelar.”

– “Vou levar-te ao folclore
Onde poderás jantar.”

– “Ó palerma, chapéus há muitos!
Não mos queiras enfiar.”

– “Dar-te-ei um cementerio
Como nunca viu a gente.”

– “Não quero o teu cementerio;
Não fico cá pra semente.”

– “Amando-te um cañonazo
Que ao meio-dia faz pum!

– “Não quero o teu cañonazo
Podes metê-lo no sítio.”

– “Dar-te-ei lagos e cascatas,
Passadiços para andar.”

– “Não quero os teus passadiços;
Neles posso escorregar.”

– “Que queres tu meu gajeiro?
Que alvíssaras te hei-de dar?”

– “Capitã, quero a tua calma,
Para não me enervar!”

– “Renego de ti, demónio,
Que me estavas a tentar!
Toma mas é um Xanax,
Põem-te ao fresco, toca a andar!”

Deu um estouro o demónio
Acalmaram vento e mar
E à noite a Nau Catrineta
Estava em Lisboa a varar

Adaptado do poema de Almeida
Garrett por Zé Veloso (lido no almoço
em Zagreb)



PALESTRA “O AUMENTO DO EFEITO DE ESTUFA NO PLANETA”

Por Victor M.M. Lobo

Efeito de estufa

Departamento de Química

Universidade de Coimbra

O problema não é o efeito de estufa mas sim O AUMENTO do efeito de estufa. Sem efeito de estufa os mares estariam todos gelados e os continentes cobertos de gelo: não existiria vida; com um efeito de estufa muito maior que o actual, a temperatura podia ser tão alta, que grande parte da vida desapareceria. Desde a última glaciação há ca. de 11 000 anos e até à Revolução Industrial (digamos, 1800) que a composição da atmosfera se tem mantido constante, logo, o efeito de estufa tem sido constante, logo a

temperatura média do planeta tem sido constante. Por exemplo, o dióxido de carbono, CO₂, oriundo da decomposição natural das árvores e dos restantes seres vivos, é de novo transformado em vegetação (fotossíntese) havendo um equilíbrio tal que CO₂ = Cte. Similarmente, o vapor de água (H₂O(g)) na atmosfera resultante da evaporação dos mares, lagos e rios, regressa a estes por precipitação, havendo igualmente um equilíbrio desde há 11 000 anos. Felizmente, este equilíbrio mantém-se pelo que a contribuição do H₂O(g)

para o efeito de estufa (que é muito grande) tem-se mantido constante.

Infelizmente não se passa o mesmo com o CO₂, outro contribuinte para o efeito de estufa.

Assim, a partir do séc. XIX, o CO₂ tem aumentado por razões antropogénicas, devido à queima de carvão, e posteriormente a derivados do petróleo e gás natural (combustíveis fósseis).

E esse é o nosso MAIOR PROBLEMA da actualidade, como iremos procurar demonstrar.

PALESTRA “PORTUGAL E A CRISE DA UNIÃO EUROPEIA”



Por Jorge Silva e Sousa

Professor do ISEG e Consultor Jurídico do Ministério das Finanças, responsável pela Legislação Orçamental durante 37 anos

Realizou-se no passado dia 22 de Fevereiro de 2018, na Sede da AAEC, uma Palestra sobre o tema referido. Ela teve como objetivo dar a conhecer, com o maior detalhe e rigor possíveis, as causas da criação da antiga Comunidade Económica Europeia (CEE), agora União Europeia (EU), os traços fundamentais da sua evolução, as causas e contornos da sua crise atual e os seus efeitos diretos

sobre todos os cidadãos dos Estados-membros, especialmente sobre os portugueses. A Palestra iniciou-se com uma Introdução acerca da sua natureza de organização supranacional, em que os Estados-membros exercem em comum alguns aspetos fundamentais da sua soberania, sem dela prescindir, num plano de igualdade política e jurídica, que nos últimos anos tem sido muito desrespei-

tado na prática. Acentuou-se que a essência da União Europeia é de natureza económica e financeira, tendo especialmente em vista as “chamadas” quatro liberdades fundamentais: circulação de mercadorias e abolição das fronteiras aduaneiras, quase plenamente realizada; circulação de serviços e estabelecimento de empresas, que ainda sofre de grandes limitações na prática; circulação de pes-

soas, bastante limitada pelos "Acordos de Schengen"; e circulação de capitais, a qual, prevista desde o Tratado de 1957, só veio a ser realizada muito mais tarde, dada a delicadeza dos problemas envolvidos, e em relação à qual incidem os aspetos mais gravosos e preocupantes da "crise". Acentuou-se também a natureza jurídico-política, uma vez que, para poder funcionar, a União necessita de órgãos políticos, burocráticos e judiciais e de uma ordem jurídica própria (o *Direito Comunitário*). Descreveu-se em seguida essa organização e os seus modos de funcionamento, dando especial relevo ao processo de tomada de decisão, que desde 1957 era essencialmente de natureza negocial, respeitando a referida igualdade política e jurídica, mas que desde os anos 90 tem sido transformado sub-repticiamente num processo de imposição de determinados Estados-membros ou de certos órgãos comunitários sobre os outros Estados. Apresentou-se uma resenha histórica, desde os antecedentes e criação da Comunidade Europeia do Carvão e do Aço (CECA), que viria a transformar-se na CEE e depois na atual UE, não deixando de salientar o impulso essencial dado pelos Estados Unidos, com o Plano *Marshall*, e de comparar o período conhecido pelo "milagre europeu" (a "era da esperança e cooperação") com o período atual, iniciado com a saída de Jacques Delors da presidência da Comissão Europeia, na década

de 90, a partir da qual pode falar-se de uma época mais grave e muito preocupante (a "era do euroceticismo e da crise económica, financeira e social"), que tem permanecido até hoje, com algumas melhorias posteriores ao Verão de 2016, nas quais foram muito relevantes a intervenção do Presidente Marcelo Rebelo de Sousa, no Conselho Europeu, e a posterior nomeação do Ministro das Finanças Mário Centeno para Presidência do Eurogrupo, com um importante significado simbólico. Fez-se uma análise do conceito de "crise", das suas causas endógenas, provocadas pelo mau funcionamento das instituições e órgãos comunitários, e das suas causas exógenas, ou seja da crise atualmente provocada pela rápida e profunda evolução científica e tecnológica contemporânea e da relativa incapacidade de adaptação das pessoas e instituições, sendo por isso a mais grave, por fugir em larga medida ao seu controlo. Salientaram-se, pela sua importância e efeitos vitais, a "queda do muro de Berlim" e o alargamento desmedido por ela provocado, bem como a criação da moeda única europeia (o *Euro*) e da correspondente Eurozona, sem os cuidados exigíveis numa matéria tão delicada, o que tem afetado gravemente a vida económica, financeira e social dos Estados-membros, e em particular as graves disfunções de que passaram a sofrer o Parlamento Europeu, a Comissão Europeia e so-

bretudo o Conselho Europeu, que eram tradicionalmente os órgãos fundamentais de decisão, bem como as principais consequências daí resultantes: o reforço do poder de facto dos burocratas (os eurocratas) e o "desvio de poder" para o Banco Central Europeu (BCE), fazendo-se uma análise tanto quanto possível cuidada da evolução da sua política. Como é óbvio, deu-se um particular relevo à situação de Portugal, em particular a uma resenha histórica das nossas finanças públicas e a uma análise mais cuidada das atuais perspetivas, referindo-se o pouco significado para a Europa da saída da Inglaterra (do *brexit*). Dada a extensão e complexidade das questões suscitadas, a maior parte delas foi apenas aflorada, não só para salientar a sua importância, mas também porque era conveniente dar uma ideia sequencial de todas as matérias. Foram abordadas com mais pormenor as questões nucleares que incidem e condicionam diretamente a vida quotidiana e o futuro de todos nós, tentando-se perscrutar esse futuro numa perspetiva prudentemente otimista. Para além de algumas referências teóricas indispensáveis, procurou-se utilizar uma linguagem simples que permitisse aos participantes uma apreensão prática e direta dos problemas, e responder às questões colocadas, embora num espaço de tempo muito curto, ficando algumas sem ser completamente esclarecidas.

VISITAS LOCAIS

No 1º semestre de 2018 realizaram-se 5 visitas:

- No dia 19 de Janeiro - Casa Museu Anastácio Gonçalves em Lisboa
- No dia 20 de Fevereiro - Quinta e Palácio dos Marqueses de Alegrete em Lisboa
- No dia 9 de Março - Museu Nacional de Arte Contemporânea em Lisboa
- No dia 17 de Abril - Palácio Beau Séjour em Lisboa
- No dia 21 de Junho - Templo Rahda Krishna em Lisboa

Apareçam sempre!



COIMBRA A ASSOCIAÇÃO E EU

Por Ana Varejão (membro da Direcção)

Coimbra é o princípio, o meio e o fim desta minha ligação à Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa.

Nasci em Lisboa para onde regressei, após os cinco anos que passei em Coimbra para me licenciar em Direito na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra.

Foram estes cinco anos de vivência académica que marcaram e continuam a marcar o meu percurso e que há cer-

ca de um ano me trouxeram até à AAEC. Por motivos pessoais e sobretudo profissionais nunca ponderei integrar a direcção de uma qualquer associação, mas mais uma vez Coimbra falou mais alto.

E cá estou eu a integrar um projecto que me transporta novamente ao espírito académico de Coimbra que trouxe para a minha vida pessoas extraordinárias que passaram por Coimbra alguns anos antes, mas que a vivem com tanta intensidade como qualquer estudante

actual daquela Universidade.

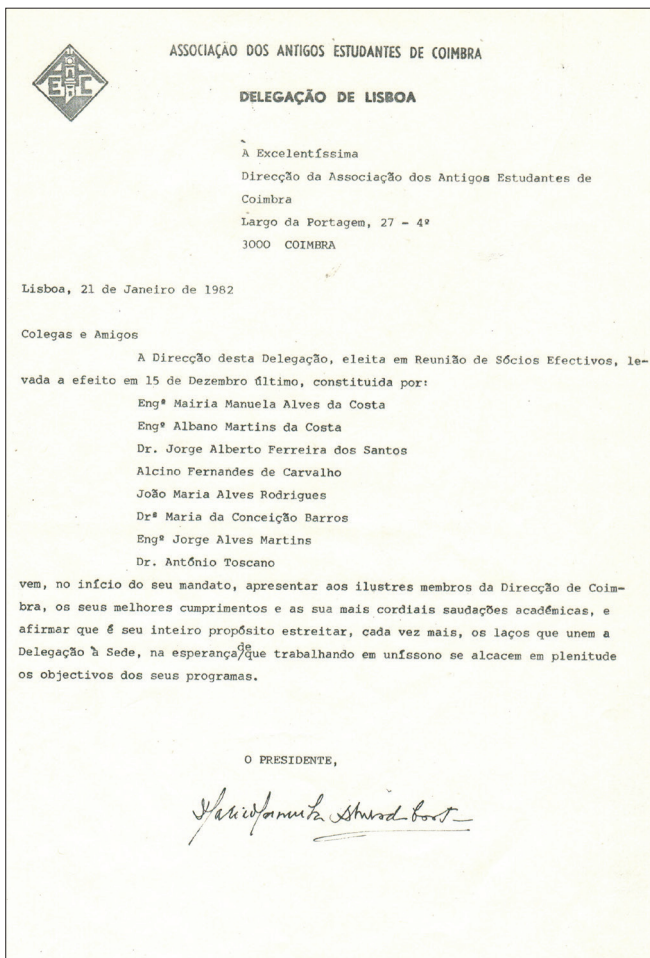
Estar ligada de forma tão íntima a uma associação que "respira" Coimbra de uma forma tão intensa é uma honra.

Poder fazer qualquer coisa, ainda que no meu caso um ínfimo contributo, para trazer o espírito e as tradições académicas da cidade do meu coração para a minha cidade é um privilégio.

Coimbra primeiro estranha-se e depois entranha-se; por isso para mim Coimbra sempre e para sempre.



TRIBUTO A MARIA MANUELA BARBOSA ALVES DA COSTA



Presidiu com eficiência e dedicação exemplares, de 1982 a 1987, à Direcção da então Delegação em Lisboa da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra (sedeada em Coimbra).

Muito embora tenha sempre defendido, com a forte convicção que era seu apanágio, a continuidade da Delegação como filiada da "Associação-Mãe", aceitou, com a muita inteligência de todos reconhecida, a constituição, em 1992, da actual Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa, que, autonomamente, sucedeu à Delegação, conforme consta (CeB. N.º 9-1997):

"Fátima, minha querida Amiga:

É com a maior alegria e satisfação que lhe escrevo, em resposta ao seu amável convite de participar no "Capa e Batina" a propósito da comemoração dos cinco anos desta nossa Associação.

É-me particularmente grato – e já publicamente o declarei – ver que a Associação continua a ser a fiel depositária do Espírito Académico de Coimbra, a seguidora das suas tradições e mais, é também o cimento aglutinador da união de todas as demais Associações que sucessivamente se vão formando. Peço-lhe, primeiro, que estenda a todos os membros da Direcção as minhas melhores Saudações Académicas pela "Turma" que com tanto êxito atingiu os fins da criação da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa, sucessora muito ilustre da antiga Delegação.

Por isso e mais uma vez lhe dou, a si Querida Fátima e a toda a Direcção, os meus muitos parabéns e com o maior respeito lhes peço para que continuem no caminho tão certo que traçaram e cumprem.

Com as melhores Saudações Académicas, um abraço a todos os membros da Direcção e para si um beijo da Maria Manuela Alves da Costa"

Neste passo, a Direcção actual – e, decerto as que se seguirem – protestam continuar a satisfazer o pedido de um dos pilares do que apelidava de "Espírito Académico de Coimbra".

LEMBRANDO O DURVAL MOREIRINHAS

Por Nuno Tavares



No concerto com que, em 20 de Janeiro passado, no Auditório do Casino Estoril, o "Alma de Coimbra" entendeu evocar a memória do Durval, tive ocasião de, por incumbência da Direcção, proferir algumas sentidas palavras.

Convida-me, agora, a Presidente da AAEC em Lisboa e querida amiga, Fátima Lencastre, para deixar o meu testemunho no "Capa e Batina". Limitar-me-ei, praticamente, a reproduzir agora o que então recordei.

Isto porque, se era fácil ser-se amigo do Durval, tamanhas as suas naturais simpatia, simplicidade, humildade e preocupada discrição, difícil se torna traçar o perfil de quem, a um insuperável humanismo, juntava a sensibilidade e o talento de um artista de elevadíssimos méritos.

Com efeito, afirmar-se que o Durval Moreirinhas é uma Figura incontornável da Música de Coimbra, longe de ser uma opinião pessoal, subjectiva, mais não é que a constatação

de uma verdade indiscutível, firmada num percurso de vida em que a Arte e a Música ocuparam sempre, a par da família e dos amigos, um espaço de eleição.

Conheci-o no Orfeon Académico. Com maior proximidade, na inesquecível digressão aos Estados Unidos, em Outubro e Novembro de 1962. Inesquecível – como é fácil imaginar... – na frescura dos nossos 20 e poucos anos; e profundamente marcante, por ter propiciado a criação de boas e sólidas amizades pela vida fora.

Alguns anos mais, em Coimbra. Depois, o percurso de cada um limitou encontros e abraços a eventos ocasionais, em reuniões de antigos estudantes, jogos da Académica, fadistadas, etc.

Ao longo da última dúzia de anos, intensificou-se, porém, o meu convívio com o Durval, no quadro desta "aventura" que foi a criação do Alma de Coimbra – a qual exigiu persistência, imaginação e, ao contrário do que

então se propalou, se pautou por uma exemplar correcção de procedimentos. De facto, desde a primeira hora que o Durval, por mim posto a par do contexto de então, se tornou um afirmado apoiante desta experiência algo surpreendente, limitada que estava ao conhecimento de um núcleo muitíssimo reduzido de bons companheiros. Recordo, então, do Durval, tanto os seus conselhos como as suas justificadas preocupações de bom Académico, que não deixava de partilhar ao longo de um processo doloroso, sem dúvida, mas tornado por circunstâncias insensatas e infelizes rigorosamente inevitável.

Não quero, todavia, deixar de sublinhar que um grupo como este, nascido do inconformismo e do apego a Valores – que têm de ser a matriz de Académicos de Coimbra! – só pode manter-se com paixão, com solidariedade, com motivação, com entrega.

Tivemos, é bem verdade, a sorte de apontar ao único Maestro que víamos capaz de se entusiasmar com o desafio: o Augusto Mesquita, cujo talento e empenho justificaram as palavras do igualmente saudoso Zé Niza: *"... cantando exclusivamente música portuguesa, o Alma de Coimbra constitui um exemplo de homenagem à Língua portuguesa e aos compositores portugueses..."*. E, mais adiante, *"... o Augusto Mesquita teve o mérito de descobrir uma evidência: a de que a música popular portuguesa é uma das mais ricas do mundo, tão simples quanto isto..."*.

Que saudades conservo dos saborosíssimos petiscos saídos da cozinha do "STOP do Bairro", em Campo de Ourique, onde sistematicamente ameadávamos, com bons amigos, nas

minhas idas a Lisboa para resolver os assuntos mais relevantes ou prementes do "Alma"!?...

E o convívio ímpar do nunca por demais lembrado amigo António de Almeida Santos (cujo conselho ou ajuda se não dispensava...), num desfiar de memórias, de episódios "debatidos" com graça e bonomia incomparáveis!...

Era esse o espírito genuíno da secular Academia Coimbrã que ainda pude viver (porventura, não raras vezes, com exagerada intensidade...): na divergência saudável, frontal, no desapego a proveitos futuros, no debate de ideias, na busca da unidade respeitando a diferença. Tal como o retenho, de alguma forma revejo o Durval no pensamento de Paul Bourget, "*Quand on ne vit pas*

comme on pense, on finit toujours par penser comme on vit"...

O Durval foi sempre – mas sempre! – um espírito arejado e aberto, generoso, discreto, sensível, profundamente humano, preocupado em ajustar a sua maneira de estar na vida ao conceito da mesma vida que o determinava. Simples, honesto, sereno, vertical. E divertido, também.

O DURVAL E EU

Por Jorge Tuna

Pelos finais da década de 40 frequentámos juntos a turma B dos primeiros anos do Liceu D. João III. Por volta do 4º ano o Durval deixou-me seguir em frente, mas acabámos por nos ver vizinhos na Ladeira das Alpenduradas, daí o nome de uma das peças musicais que mais tarde viríamos a criar.

As primeiras lições de guitarra que tive foram-me dadas pelo Júlio Ribeiro, mas foi no convívio com a Família Moreirinhas, especialmente com o encantador Tenente Custódio Moreirinhas – pai do Durval –, que até nos ensinou a tocar cavaquinho, vejam lá, que nasceu o meu verdadeiro amor pela guitarra de Coimbra.

Foi já na Universidade, integrados no Orfeon Académico de Coimbra, que se iniciou a nossa parceria musical. Criámos então um Grupo de Fados que foi inicialmente constituído pelo Jorge Godinho, pelo José Tito Mackay e por nós próprios. Ficámos amigos para sempre, verdadeiros irmãos.

No final da década de cinquenta surgiram as nossas primeiras gravações em disco, o primeiro dos quais, se chamou "SÉ VELHA / Guitarras de Coimbra".

Era a época do vinil, dos EPs e foi na cidade do Porto que tiveram lugar as nossas primeiras gravações para a etiqueta Rapsódia. Viajámos muito, sempre integrados nos Organismos Académicos, ainda com o

grupo musical constituído pelos 4 elementos (2 guitarras e 2 violas).

No Outono de 1962 acompanhámos o Orfeon Académico na digressão aos Estados Unidos da América, onde actuámos no Lincoln Center de Nova York.

Nesse ano fomos também ao Rio de Janeiro representar a música de Coimbra nas celebrações comemorativas da célebre Carta de Pero Vaz de Caminha relatando o achamento das terras de Vera Cruz. Foram nessa viagem nossos companheiros os cantores António Sutil Roque e Armando Marta, e o viola Humberto Matias. Lisboa foi então representada por Amália Rodrigues com quem mantivemos um interessante convívio.

Mas nos finais de 1962 iniciei em Angola a minha comissão como médico militar. Interrompemos então as nossas actividades musicais e tudo fica em suspenso. Quando regresssei de Angola minha mulher e eu fomos padrinhos do Durval no casamento dele com a Inês. Mais tarde o Durval seria também o padrinho de baptismo do nosso filho Miguel.

Entretanto fixo-me em Lisboa para iniciar a minha carreira no Hospital de Sta Maria e na Faculdade de Medicina, e eis que se dá um verdadeiro milagre: o Durval veio para Lisboa exercer a sua actividade profissional. A nossa amizade e convívio conheceu então um novo élan e, influenciados pela possibilidade de

tocar a dois – como tinha sido demonstrado pela genial dupla Carlos Paredes/ Fernando Alvim, – iniciámos o nosso caminho, que viria a ser um percurso de décadas.

Houve sempre, entre nós, uma intensa interacção na construção das nossas Guitarradas. E a verdade é que, bem ou mal, quisemos fazer o nosso próprio caminho, sempre com raízes na guitarra tradicional de Coimbra, mas tentando sermos nós próprios. Sempre procurámos ter uma marca identitária, o que caberá reconhecer a outros, se sim ou não. Indubitavelmente que para nós...sim.

Pisámos vários palcos e aqui gostaria de referir a nossa participação no "Festival Sete Sóis Sete Luas", em Itália, no ano de 2004, a convite de Marco Abbondanza seu organizador.

Nos nossos ensaios, sempre em minha casa, onde gravávamos em cassettes tudo o que íamos compondo, procurámos criar ambientes musicais que fossem essencialmente nossos.

E o Durval era de uma criatividade imensa, influenciando de maneira decisiva tudo o que construímos e gravámos. E felizmente que há registos em vinil e CD, alguns em vídeo, que demonstram à sociedade a maneira única, inteligente e sensível, que o Durval tinha de acompanhar a minha guitarra.

Claro que outros, muitos, ele acompa-

nhou, alguns de elevada craveira musical. Mas estou convencido que foi nas nossas guitarradas que o Durval atingiu aquilo que, para mim, foi o máximo que se conseguiu tirar de uma viola como instrumento de acompanhamento da guitarra de Coimbra.

Transcendeu a vulgaridade, tornou-se único, e eu, um privilegiado ao contar com aqueles bordões que soavam a pérolas e proporcionavam o entrosamento que contribuiu para que as nossas simples composições atingissem um certo reconhecimento.

O Durval é irrepetível. É uma tremenda perda para todos nós o seu desaparecimento, ainda que o tenhamos bem presente.

Querido Durval. E que saudades eu tenho de ouvir o toque da campainha da minha casa anunciando a tua chegada, geralmente pelas 5 da tarde, para mais

um ensaio. Sempre temperado por uma cavaqueira. Com que procurávamos propostas para a solução dos múltiplos problemas deste Portugal. Sim, que os nossos encontros no Restelo não eram exclusivamente musicais, transcendendo a arrumação de algumas notas na pauta, a que, diga-se de passagem, nunca recorremos. E a Manuela, sempre atenta, lá nos ia criticando regularmente...

Tempos que, desgraçadamente, não voltam mais.

Nos últimos anos, à medida que íamos preparando os nossos discos, muitas coisas ficaram por editar. É por isso que vos deixo, em gravações feitas, mais ou menos artesanalmente, sempre em minha casa, duas das muitas peças que são inéditas e que, espero venham a fazer parte de um ou mais CDs, que hão-de surgir futuramente. O Durval era de uma generosidade inexcelsível. É para mim

emocionante vê-lo ser homenageado pelo Alma de Coimbra, grupo coral que ele tanto amava e que o levou por esse mundo fora.

Aproveito para agradecer ao Alma de Coimbra a oportunidade que me dá de estar hoje aqui, neste palco, a participar em tão sentida homenagem.

Querido Durval. Não te esqueças que ainda nos havemos de encontrar para dedilhar a minha guitarra e a tua viola e assim prolongarmos a nossa amizade para a eternidade.

Durval até lá, até sempre!

NOTA DA DIRECÇÃO:

Foi nosso objectivo deixar para a posteridade o registo possível sobre uma merecida Evocação a que nos associámos, divulgando-a e comparecendo em peso para aplaudir o inesquecível Associado Durval Moreirinhas!

BALADAS PARA VOZ

Os **Pardalitos do Mondego**, grupo de Fados de Coimbra, fez na nossa Sede, a seu pedido, a 1ª apresentação pública do seu CD com o título "Baladas para Voz"

a homenagear os três maiores responsáveis pelo sucesso da balada de Coimbra: José Afonso, Adriano Correia de Oliveira e Luiz Goes.

Ocorreu em 19 de Maio, com uma numerosa assistência a aplaudir e a acompanhá-los num pequeno beberete no final.



TOMADA DA BASTILHA II

Pouco depois da demolição do velho edifício da "Bastilha", que obrigou à transferência da Sede da Associação Académica de Coimbra (AAC) e dos seus Organismos Autónomos (OA) para o Palácio dos Grilos, começou a verificar-se quão acanhado era o tecto para albergar tantos e tamanhos Serviços. Depois de várias Direcções Gerais (DG) desistirem de resolver o problema, surgem Fernando Mendes Silva, Júlio Serra e Silva e Viriato Namora, respectivamente Presidente, Vice-Presidente e Tesoureiro da DG da A.A.C., que encetaram os contactos necessários para a edificação de um novo edifício, a que o Arquitecto Valdez deu forma, com um anteprojecto, tornando-se, contudo, necessário captar apoios para esta causa.

Por ironia do destino, quando o Júlio teve, na Reitoria, uma conversa com o Magnífico Reitor, Prof. Maximino Correia este, a determinada altura da conversa, disse: "Quando dei conta da situação do Instituto de Coimbra, ao lado da Associação Académica, pensei com os meus botões que qualquer dia vamos ter uma segunda tomada da Bastilha", ao que o Júlio respondeu: "Ora aí está uma ideia que não é nada má". Contado o caso ao Mendes Silva este começou logo a dar corpo à ideia, de forma a que o Reitor não pudesse responsabilizar a DG da A.A.C. A oportunidade surgiu no dia 4 de Abril de 1954 e o Evento ficou conhecido por 4/4/54. A Acção, tomar de assalto as instalações do Instituto de Coimbra, para as integrar na A.A.C., seria chefiada pelo Presidente da anterior DG, Afonso Moura Guedes, coadjuvado por nós próprio, então vice-presidente da TAUC e por Joaquim Vilaça Delgado. Nesse dia o Orfeon realizava, na Lousã, um espectáculo e o seu regresso, de madrugada, seria o ideal para o empreendimento, podendo os Orfeonistas engrossar as hostes dos Tunos conjurados.

O assalto efectuou-se por arrombamento de uma porta lateral. A placa metálica com a inscrição Instituto de Coimbra - **Património de Estado**, foi coberta com uma capa e uma folha de cartolina onde se lia **Património de A.A.** No pau da bandeira foi hasteada uma capa negra de estudante. Mendes Silva e Júlio, que guardavam no Restaurante Aeminium,

ao receberem o telefonema confirmativo do êxito da operação, que chegou já depois da 3 horas da manhã, seguiram imediatamente para a Rua da Ilha, onde conversaram com o Chefe Carlos, que comandava o destacamento policial e informou não desejar derramamento de sangue. Foi-lhe dito que, para ajudar a resolver o problema, iriam chamar o Senhor Reitor; este, depois de muita insistência, aceitou deslocar-se ao local e, após conversa com Moura Guedes, retorquiu que compreendia as razões, mas não o acto, pelo que exigia a imediata retirada dos estudantes, pois se tal não acontecesse não seria, nem mais um minuto, seu Reitor. Moura Guedes pediu-lhe para se retirar, com a DG da A.A.C., para a sala contígua, enquanto os estudantes iriam resolver democraticamente. Finda a reunião, o Reitor foi informado de que os estudantes saíam, com a condição dele se comprometer a ajudar na obtenção de uma Sede condigna para a A.A.C. O Reitor comprometeu-se em envidar todos os esforços nesse sentido, os estudantes abandonaram o edifício, mas Maximino Correia não cumpriu, tendo começado por torpedear as tentativas de marcação de uma audiência, com o Ministro da Educação Nacional. A DG virou-se, então, para Santos Costa, Ministro da Defesa, que se prontificou a entregar, uma exposição e o anteprojecto, ao Presidente do Conselho de Ministros. Poucos dias depois a DG recebeu uma carta de Santos Costa, juntamente com a qual vinha um cartão, que dizia mais ou menos o seguinte: "estive em Coimbra e visitei as instalações dos rapazes. Eles têm razão. Brevemente enviarei aquela cidade o novo Ministro da Obras Públicas, para estudar o assunto relativo à construção da sede da A.A.". Estava assinado por António de Oliveira Salazar. Seguiram-se variadíssimas intervenções do Engº Arantes de Oliveira, com o qual se efectuou uma reunião, no fim da qual este pediu para se fazer uma exposição detalhada do que seria necessário para a realização deste pedido, exposição que só receberia por intermédio do Senhor Reitor, mas este, continuando a contrariar, informou que, durante os próximos 2 meses, estaria ausente do

país. O Ministro regressou a Lisboa e a DG iniciou uma maratona de cerca de 48 horas, para poder acabar a exposição, antes da partida do Reitor para Itália. Fez um apelo a todos os Directores das várias Secções e OA para tratar de assunto do máximo interesse para a Academia. O apelo foi atendido e, à noite, o Palácio dos Grilos fervilhava de actividade. Foram dezenas de horas de trabalho para realizar a exposição, à qual o Reitor deu uma vista de olhos e, depois de vários argumentos do Mendes Silva, autorizou que a entrega fosse feita, directamente, ao Sr. Ministro, o que aconteceu no dia seguinte. Pouco tempo depois, no dia 26 de Maio de 1954, o Presidente do Conselho de Ministros recebia, no edifício da Assembleia Nacional, o triunvirato: Mendes Silva, Júlio e Viriato. Salazar queria saber pormenores sobre a AA, o que levou a um nunca acabar de informações sobre as actividades culturais e desportivas da nossa Associação. Ouviu com toda a atenção, afirmando que gostava de conhecer todos os pormenores, pois no seu tempo a AA. era muito pequena e, mostrando que tinha lido, minuciosamente, a exposição enviada, disse verificar que ela se tinha desenvolvido imenso, estando com uma projecção notável. Falou longamente sobre a AA, dizendo que a juventude gostaria de começar os trabalhos já no dia seguinte mas que, "é preciso esperar". Mendes Silva retorquiu que não era necessário começar imediatamente, pois bastava a sua palavra em como seria feito. Respondeu: "pois têm a minha palavra" e deu por finda a audiência. Na realidade, embora com posteriores peripécias, entre a CMC, Bissaya Barreto e Arantes de Oliveira, as obras começaram pouco tempo depois. Mais do que uma simples escaramuça, a TOMADA DA BASTILHA II foi uma grande batalha que, tendo sido ganha pelos estudantes, levou à construção da actual magnífica Sede da AAC. Por esta razão entendemos ser perfeitamente justo que o **dia 4 de Abril** passe a ser comemorado, simultaneamente, como aniversário da TOMADA DA BASTILHA II e DIA DO ANTIGO ESTUDANTE DE COIMBRA.

Polybio Serra e Silva

01.

JANTARES MENSAIS

Realizaram-se 2: em Janeiro no "Coimbra Taberna", e em Junho também no "Coimbra Taberna", com salutar ambiente de boa disposição nas actuações Serenata de Coimbra pelo Grupo "Serenata ao Luar" sendo os aniversariantes presentes as estrelas perante um apetitoso bolo.

02.

FOLIA DO CARNAVAL

Mais um ano a realizarmos a nossa folia de carnaval no Altis Park Hotel, com a presença de 39 foliões e a música do nosso conhecido Clube Vintage que continua a entusiasmar-nos e que leva os aniversariantes presentes a cortar o bolo.



03.

FESTA DOS SANTOS POPULARES



Foi uma estreia quer em dia quer em local. O almoço realizou-se no "Restaurante Club Tap", com 80 participantes. O almoço deixou muito a desejar em todos os sentidos; valeu-nos a

excelente resenha histórica que a Izilda Laranjeira elaborou e apresentou sobre "Os 600 anos da Descoberta do Porto Santo", a anteceder o sempre aplaudido Programa:

- ◆ Um Coral Ad-Hoc à altura, como nos tem habituado;
- ◆ O concurso de quadras dos Santos Populares, avaliado por um júri rigoroso, que premiou as seguintes:

*As festas de São João
São de nível mundial;
Ronaldo é o capitão
Da seleção nacional!*

Zizi

*Foi por ti que eu chamei
Foi por ti que eu chamei
Sofri, chorei, reclamei
E veio a ALEGRIA, a final.*

Adepta leal

*Enganado foi S. João
Vai directo ao Mundial
Faz com que a Seleção
Traga a taça a Portugal*

M. Pereira

04.

COLABORAÇÃO E CONVÍVIO COM OUTRAS ENTIDADES

- ◆ **O Magnífico Reitor da Universidade de Coimbra** convidou-nos para cerimónias de Doutoramento e Imposição de Insígnias e para inauguração da 3ª Itinerância do Ciclo Expositivo do projecto "Património de Humanidade" (realizada em 31 de Janeiro).
- ◆ A nossa colega **Clotilde Fava** fez questão da nossa presença na inauguração da sua exposição de pintura "Para lá do Trópico de Câncer", em Coimbra.
- ◆ A **Casa dos Açores em Lisboa** privilegia a sua parceria AAACL na sua gala anual, este ano no Salão Nobre do Palácio da Independência, onde procedeu à assinatura de um protocolo de cooperação com a Sociedade Histórica da Independência de Portugal (SHIP), na presença do Director Regional da Comunidade; seguiram-se as actuações da Tuna Universitária Corsários dos Açores (TUCA) e de Carlos Alberto Moniz com o título "Açores, a palavra e a música".
- ◆ A **Casa de Goa** mais uma vez requereu a presença da parceira AAACL (Protocolo de colaboração celebrado em 23 de Março de 2002) no espectáculo "Goa, Sons e Ritmos", que se realizou em 8 de Abril no Teatro Tivoli – BBVA, em Lisboa e, para comemorar o seu 30º Aniversário, apresentando um vasto programa de música e momentos cénicos tradicionais, clássicos, populares e contemporâneos, com realce para a actuação do EKVAT (grupo coral, instrumental e de dança).
- ◆ O Presidente do Instituto **Internacional de Macau**, Jorge Rangel, convidou-nos a assistir ao lançamento dos livros "O Oriente na Literatura Portuguesa – Antero Quintal e Manuel da Silva Mendes", de Carlos Botão Alves, e "Manuel da Silva Mendes", de António Aresta.
- ◆ O colega **Manuel Dias da Silva** convidou-nos para a apresentação do seu mais recente livro "A Delicada Teia de Ariadne".
- ◆ A **Festa da Ilustração de Setúbal** enquadrou, no dia 9 de Junho, a abertura da exposição retrospectiva de TÓSSAN (António Fernandes dos Santos), em alguns inéditos do ilustrador; o Carlos Carranca, convidado para palestrante sobre Tóssan, aceitou transmitir o nosso jubilo pela iniciativa.

05.

NOVOS SÓCIOS ADMITIDOS

Em 2018 (de Janeiro a Junho) foram:

Dr. António Luís Martins – Sócio nº 1352
 Dr.ª. Maria Fernanda Pereira Silva – Sócia nº 1353
 Dr.ª. Ana Miguel Marques Neves dos Santos – Sócia nº 1354
 Dr. António Herculano Paixão de Melo – Sócio nº 1355
 Dr.ª. Leonete Pontes Rodrigues de Botelho Pereira – Sócia nº 1356

Dr. José Eduardo Vaz Serra da Rocha Alves – Sócio nº 1357
 Dr.ª. Ana Cristina Marques Coelho de Brito Guterres – Sócia nº 1358
 Dr.ª. Maria Manuela Agostinho Simões Garcia – Sócia nº 1359
 Dr. João Cunha Vaz – Sócio nº 1360
 Dr.ª. Ana Manuela Neto Ribeiro Magalhães – Sócia nº 1361

06.

BIBLIOTECA

A Associação tem o prazer de referir os nomes e amigos que contribuíram para o enriquecimento do Património da nossa Biblioteca com a oferta de livros e publicações periódicas e outra documentação.

Cons. Francisco Chichorro Rodrigues com a generosa oferta de 120 livros dedicados a Coimbra e de um móvel para o seu arquivo.

Cons. Mário José Araújo Torres – Boletim da Associação dos Pupilos do Exército.

NOTAS: Ainda temos Sócios com quotas em atraso, não só deste ano como de anos anteriores (alguns...) Quando estarão todas em dia? Não podemos "viver" sem elas!

IN MEMORIAM...

Deixaram-nos... no 1º Semestre de 2018 (de Janeiro a Junho):

- Dr. Carlos Alberto Ferreira da Rocha – Sócio nº 35
- Dr. Augusto Camacho Vieira – Sócio nº 84
- Dr. António Saturnino Sutil Roque – Sócio nº 266
- Dr. Armando Flório Nogueira Seco – Sócio nº 333
- Eng.ª. Maria Manuela Ferreira Barbosa Alves da Costa – Sócia nº 354

- Dr.ª Zélia Maria dos Anjos Gonçalves – Sócia nº 421
- Eng.º. Vitor Manuel Figueiredo de Almeida – Sócio nº 1072
- Dr. Ernesto Alberto Theile – Sócio nº 1083
- Dr. Fernando Correia Almeida Ruas – Sócio nº 1138
- Dr. Manuel Cassiano Póvoas da Costa Cabral – Sócio nº 1168

Que descansem em Paz!



Janeiro a Junho 2018

FICHA TÉCNICA

CAPA E BATINA

DIRECTOR: A Presidente da Direcção

EDIÇÃO: Associação dos Antigos Estudantes
de Coimbra em Lisboa

Instituição de Utilidade Pública

Rua António Pereira Carrilho, 5 - 1º

1000-046 LISBOA

TEL. 21 849 41 97 FAX. 21 849 42 08

E-MAIL: geral@aaec-lisboa.com / aaec@sapo.pt

INTERNET: www.aaec-lisboa.com

FACEBOOK: AAEC em Lisboa

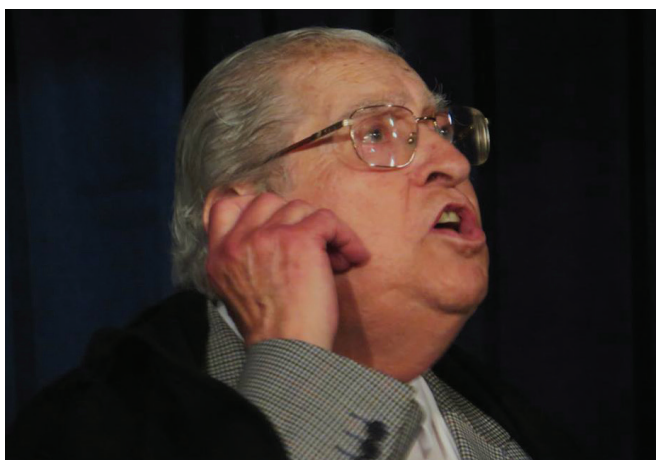
PERIODICIDADE: Semestral

TIRAGEM: 1000 exemplares

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA AOS

SÓCIOS DA ASSOCIAÇÃO

O FADO DE COIMBRA ENLUTADO



AUGUSTO CAMACHO VIEIRA - 1924-2018

Médico humanista, genuíno “*João Semana*”, galardoado com medalhas e comendas de Mérito Desportivo, cultor ímpar do Fado e da Canção de Coimbra desde 1953 - “*Matusalém do Canto e da Boémia Coimbrã*”.



ANTÓNIO SATURNINO SUTIL ROQUE 1932-2018

Médico de renome, solista do Orfeão Académico de Coimbra, cantou na 1ª Serenata de Coimbra transmitida em directo pela RTP em 1957 e foi solista na Serenata de Despedida do 6º ano médico de 1958, a “*Coimbra tem mais encanto na hora da despedida*”.